

LEITURA: UM JOGO DE ESPELHOS

Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho¹ (USP)

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo primeiro investigar as práticas de leitura de textos ficcionais para crianças e jovens como um processo de espelhamento de identidades, já que a leitura se caracteriza como um importante mediador de (re) conhecimento de universos sócio-culturais. Tomando como quadro teórico-metodológico o comparativismo literário, será analisada a obra “Um garoto chamado Rorbeto”, de Gabriel O Pensador, a fim de demonstrar a universalidade das imagens por e nele produzidas, bem como a amplitude histórica de seu diálogo com crianças e jovens pertencentes a populações excluídas socialmente. Esse caráter universal das imagens pode ser constatado no que se refere à temática da obra, já que o livro discute a exclusão e maneiras de superá-la, bem como no plano da sua linguagem verbal, em virtude de o enunciador buscar em ritmo musical popular a sua expressão.

Palavras-chave: literatura infantil, representação, leitor, imagem, exclusão

Introdução

Comentar a literatura produzida para crianças e jovens é discorrer sobre textos de grande importância no universo social e também pensar sobre os valores produzidos por esse universo. Para avaliar esse tipo de literatura, é preciso pensar em textos que são transmitidos de geração a geração. Parece, com esse primeiro comentário, estarmos diante de todos os textos em circulação na sociedade, mas quando o estudioso se depara com a chamada literatura infantil, percebe que, à sua frente, encontra-se um tipo de texto peculiar e, em razão dessa peculiaridade, às vezes não compreendida pela crítica literária e, muitas vezes, taxado de literatura de menor valor.

Um olhar mais atento e menos preconceituoso para esse tipo de texto, pode trazer possibilidades de contato com uma modalidade literária de tanta expressividade como aquelas já pertencentes ao cânone, além de um tipo de texto bastante complexo no que se refere à sua estética “Verificamos a existência da modalidade “literatura infantil” apenas no nível de manifestação textual, sendo que os temas não se diferem de outros produzidos na e para a sociedade.” (GREGORIN FILHO, 1995, p.192).

Mesmo no âmbito da literatura para crianças e jovens, encontramos alguns autores e textos que já se consolidaram no âmbito dos grandes nomes da literatura brasileira e universal, já fazem parte de um cânone e têm suas obras descritas como excelentes pela crítica literária, ou como escritores de leitura fundamental para os estudiosos da área de educação. Dada a sua origem, é praticamente impossível desvincular a literatura infantil das práticas pedagógicas ou do universo da educação, mas a preocupação deste trabalho é a literatura produzida para as crianças do mundo contemporâneo, num país plural no que se refere à sua formação étnica e cultural.

Desse modo, algumas perguntas se fazem necessárias, por exemplo: quem é o leitor de literatura infantil no Brasil de hoje? O que ele procura nas páginas de um livro? O universo representado nesse tipo de obra ficcional retrata o meio onde a criança está inserida? O que mudou na literatura infantil em relação às linguagens que a constroem. Para responder a essas questões, verifica-se a necessidade de olhar para o narrador das histórias para crianças no Brasil, ou seja, quem é que conta essas histórias e de onde ele conta.

Pretende-se, com o presente trabalho, buscar alguns caminhos para a resposta dessas perguntas e, para tanto, utilizaremos como exemplo a obra “**Um garoto chamado Rorbeto**”; de Gabriel, o

pensador; já que a obra procura, por meio dos textos verbal e visual, dialogar com as crianças de uma maneira ampla, mas trazendo à tona o mundo da infância excluída do nosso país.

1. Literatura infantil no Brasil: de frente para o espelho

Partindo do pressuposto de que os textos convivem em constante diálogo na e com a sociedade e aqueles pertencentes à literatura infantil em geral são construídos por meio de múltiplas linguagens, pretende-se colocar em discussão as diferentes produções de sentido oriundas desse tipo de literatura ocasionada pela instauração de narradores em diferentes lugares discursivos e ideológicos, já que os textos, numa leitura mais apurada e plural, fazem alusão a temas fundamentais da sociedade e frutos da experiência individual-social-cultural, como a questão do gênero, da alteridade, das tradições culturais e religiosas, entre outros.

A educação e a leitura no Brasil, até o surgimento da obra de Monteiro Lobato, era o reflexo especular dos paradigmas vigentes, ou seja: o nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural com seus modelos de cultura a serem imitados, o humanismo dramático e o moralismo religioso, com as exigências de retidão de caráter, de honestidade, de solidariedade e de pureza de corpo de alma em conformidade com os preceitos cristãos.

Todos esses elementos oriundos de modelos estrangeiros e impregnados de ideologias impostas pelas classes dominantes que buscavam, na educação e nos primeiros esboços de literatura para crianças e jovens, a concretização e perpetuação de seus anseios. Todos esses elementos organizados textualmente por um narrador cujo propósito primeiro era a manutenção da ideologia dominante, ideologia que era seguida de perto pelo estado, pela igreja e pela família.

Com o surgimento de Monteiro Lobato e sua proposta inovadora, a criança passa a ter voz, ainda uma voz emanada pela boneca Emília, mas a contestação e a irreverência infantis sem barreiras começa a ser lida e vista pelas ilustrações das personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo. É um país diferente que se mostra na obra e existe, nos limites desse sítio, um simulacro da sociedade brasileira, claro que visto com os olhos de um homem da época.

Lobato apresenta características até então inexploradas no universo literário para crianças: apelo a teorias evolucionistas para explicar o destino da sociedade; onipresença da realidade brasileira; olhar empresarial e patronal; preocupação com problemas sociais; soluções idealistas e liberais para os problemas sociais; tentativa de despertar no leitor uma flexibilidade face ao modo habitual de ver o mundo; relativismo de valores; questionamento do etnocentrismo e a religião como resultado da miséria e da ignorância. Ele fora o precursor de uma nova literatura destinada às crianças no Brasil, uma literatura que ainda passaria por inúmeras transformações, por uma ditadura militar, por inúmeras alterações no sistema escolar, nas concepções de educação e processos de ensino-aprendizagem e por grandes mudanças na tecnologia e na sociedade.

Essas mudanças foram, de maneira histórica e dialógica, trazendo para a chamada literatura infantil a diversidade de valores do mundo contemporâneo, o questionamento do papel do homem frente a um universo que se transforma a cada dia e, além disso, trouxe também as vozes de diferentes contextos sociais e culturais presentes na formação do povo brasileiro, sua diversidade e dificuldades de sobrevivência e, o mais importante, trouxe as vozes e sentimentos da criança para as páginas dos livros, para as ilustrações e para as diferentes linguagens que se fazem presentes na produção artística para crianças.

Desse modo, verificam-se dois momentos bem definidos na história da literatura voltada para as crianças no Brasil e entende-se que houve um percurso que culminou no surgimento de um novo narrador, um narrador que pretende a construção de um indivíduo mais consciente dos acontecimentos sociais e da diversidade cultural construtora da identidade cultural do povo brasileiro.

Evidentemente, a análise acima faz alusão a paradigmas emergentes, a um momento de construção que ainda não chegou a termo, mas o que se pretende é ressaltar a mudança dos objetivos e de mecanismos de construção de um tipo de texto que tem como destinatário a criança e que procura se firmar como arte, sem que se descarte a sua presença demasiadamente importante no processo educativo, entendendo que o processo educativo também se constrói hoje tentando levar em consideração a formação plural do povo brasileiro.

Temos, hoje, uma produção literária (artística) para as crianças que não nasce apenas da necessidade de se transformar em recurso pedagógico, mas cujas principais funções são o lúdico, o catártico e o libertador, além do pragmático e do cognitivo, ou seja, pretende funcionar como espelho da sociedade.

Pode-se perceber que os textos destinados ao público infantil no Brasil partem, inicialmente, de uma configuração discursiva de caráter estritamente monológico, visto falarem de lugares que nada mais são do que aparelhos ideológicos do estado, preocupados que eram em manter os valores e a ordem sociais. Em meados da década de setenta e mais especificamente nos anos oitentas, já que a abertura para a democracia no Brasil se deu nessa época, a literatura para crianças começa um processo de dialogicidade e a polifonia, fato que conseguimos verificar de maneira mais madura na contemporaneidade.

Como nos demais textos produzidos na e pela sociedade, a literatura feita para crianças e jovens também traz um discurso que dialoga com outros textos produzidos no conflito de vozes dessa mesma sociedade, ou seja, a literatura infantil não é um veículo à parte na sociedade, ela também é carregada de valores ideológicos e de conflitos sociais. Tomamos, para tanto, A seguinte citação de Miedviédiev:

A estrutura literária, como qualquer outra estrutura ideológica, refrata a sociedade socioeconômica que a gera, mas o faz ao seu modo. Ao mesmo tempo, porém, em seu “conteúdo”, a literatura reflete e refrata as reflexões e refrações de outras esferas ideológicas (ética, epistemologia, doutrinas políticas, religião, etc.) O que quer dizer que, em seu “conteúdo”, a literatura reflete a totalidade do horizonte ideológico de que ela própria é uma parte constituinte. O conteúdo da literatura reflete [...] outras formações ideológicas não artísticas (éticas, epistemológicas, etc.). Mas, ao refleti-las, a literatura engendra novas formas, novos signos do intercurso ideológico. E tais signos são obras de arte, que se tornam parte real da existência social que rodeia o homem. Refletindo algo externo a elas, as obras literárias constituem ao mesmo tempo fenômenos singulares [...]. Seu papel não pode ser reduzido ao [...] de auxiliar, de refletir outras ideologias. As obras literárias possuem um papel ideológico independente bem como seu modo particular de efetuar a refração da existência socioeconômica. (LOPES, 1990, p.88)

Então, falar de literatura infantil, da mesma maneira como se fala da literatura de um modo geral, é vincular um determinado tipo de texto às práticas sociais que foram se impondo na comunidade e na educação das novas gerações, principalmente após a segunda metade do século XIX, época em que a escola toma o seu lugar definitivo como a grande responsável pela educação das novas gerações. Além disso, nos últimos anos do século passado, podemos presenciar mudanças substanciais na forma e no conteúdo dos textos destinados às crianças e jovens seja pela enorme expansão do parque gráfico e de novas tecnologias, seja nas mudanças profundas na maneira de a sociedade pensar sobre si e sobre questões inerentes às diversidades humanas e culturais que a compõem.

2. O espelho de Gabriel: olhar para Rorbetto e ver o Brasil

Num primeiro momento, o título da obra já nos causa certo estranhamento: **Um garoto chamado Rorbetto**. Como estamos diante de um texto produzido para crianças e guardamos a

herança da construção da literatura infantil no universo didático-pedagógico, não é comum encontrar um livro que traga, na sua própria capa, quaisquer elementos que estejam em desacordo com o português padrão.

Esse estranhamento continuará na primeira página do livro, onde o autor busca uma intertextualidade com os contos populares, iniciando sua busca pela fórmula tradicional de iniciar o diálogo com o seu leitor:

Vez uma era...
Quer dizer:
Uma era vez...
Ou melhor:
Vez era uma...
Desculpem:
Era uma vez...
(Agora sim!) (O PENSADOR. 2005, p.04)

Essa busca pela fórmula de início dos contos populares pode ser entendida como sendo um resgate da memória coletiva, pois:

(...) a memória individual não existe senão pelos quadros sociais que dão a possibilidade de reconstruir a recordação. Não há conservatória das recordações, e, quando não pensamos nelas, elas não estão em parte alguma. (GAZENEUVE & VICTOROFF, 1972, p. 374)

Dessa maneira, o narrador se coloca como alguém que vive à margem da memória social institucionalizada, ou seja, um indivíduo que faz parte de uma cultura à parte, que contesta o saber institucional, a própria imagem da cultura *hip hop*.

Na página posterior, existe o momento de a personagem principal ser apresentada ao seu leitor, neste ponto pode-se encontrar a seguinte passagem:

Era uma vez um menino **que era muito atrapalhado**
O nome dele era esquisito **porque foi escrito errado.**
É que o pai também se atrapalhava sempre, **sem parar,**
E lhe deu o nome com uma letra
Fora

do lugar. (O PENSADOR. 2005, p.06)

É primordial que se destaquem alguns elementos dessa apresentação da personagem, pois ela não faz referência apenas à sua maneira de ser ou à herança recebida de seu pai, eles são mais profundos e dão forma à obra. As palavras destacadas em negrito, por exemplo, além de destacarem elementos do nível do conteúdo do texto, assinalam também a sua entonação, isto é, estamos diante de um texto narrativo, mas elaborado com um ritmo específico, o ritmo do *rap*.

O *rap* é um tipo de música que faz parte de uma cultura mais ampla: o *hip hop*. Criada nos Estados Unidos como instrumento de expressão de protesto social e fixada primeiramente em guetos de afro-descendentes, essa cultura conseguiu rapidamente muito espaço em vários países do mundo e encontrou um primeiro abrigo nos morros cariocas para, logo depois, com grande apoio da mídia, ganhar mais espaço em outras cidades e em outras esferas sociais.

Como a literatura para crianças geralmente se constrói de maneira sincrética no que se refere ao uso de várias linguagens, essa cultura se mostra nesta obra no texto verbal e também no texto visual, pois as ilustrações de Daniel Bueno são elaboradas com sobreposições de colagens e algumas inscrições que se assemelham a pixações e inscrições que se encontram em muros das grandes cidades.

As diferenças do menino Rorbeto não se restringem à grafia incomum de seu nome, pois o médico percebe que ele têm seis dedos ao invés de cinco e, sendo assim, o menino vive grande parte de sua infância de maneira reclusa, já que essa diferença poderia ser alvo de chacotas dos colegas de escola e de rua.

O menino percebe a sua diferença quando começa a contar os amigos somando nos dedos da mão. Percebe que é diferente, tem seis dedos. Inicia-se um processo de tentar se esconder do mundo:

Ficou todo mundo de olho, **quando ele chegou na escola,**
Andando com cara de triste, **com a mão dentro de uma sacola.**
(...)
E disse: Me deixem sozinho, **que eu quero ficar desse jeito.** (O PENSADOR. 2005, p.16)

Essa constante procura por um esconderijo do mundo é uma constante na vida do menino, até que surge o memento de se mostrar e esse momento surge de maneira tranqüila, pois a professora socmeá a ensinar a escrever e a letra mais bonita é exatamente a do Rorbeto. Toda a classe elogia e percebe a diferença: os seis dedos.

No dia seguinte, quando a professora nota tantas sacolas nas mãos dos alunos, a resposta é que eles queriam ser igual ao Rorbeto, fazer a letra bonita e se destacarem perante os colegas de classe. A partir daí, Rorbeto passa se incluir na turma e, na primeira oportunidade, pede para furarem a luva para que ele pudesse ser o goleiro do time de futebol da escola.

Percebe-se, nesse ponto, a inclusão social do menino, pois todos ressaltaram a perfeição de sua mão, embora tivesse seis dedos.

Durante toda a narrativa, muito da seqüência temporal da obra é dada em função da correnteza de um pequeno rio que passa no bairro onde a personagem vive. É o que o narrador resgata ao final da obra:

O tempo passou como o rio, correndo, fazendo o Rorbeto crescer.
E um dia ele quis ensinar ao pai, já velhinho, a ler e escrever.
(...)
E lembrou-se, sorrindo, do dia em que sua mulher deu a luz a um bebê.
E, sorrindo, falou para o filho: Eu errei o seu nome, seria Roberto. Não errou
Mas o filho falou: Não errou, não senhor! O amor sempre faz tudo certo! (O PENSADOR. 2005, p.26)

No início do livro, observa-se uma instabilidade no que se refere ao fator emocional da personagem em razão das preocupações decorrentes da diferença física, instabilidade essa que faz com que ele esconda a sua mão dentro de uma sacola. Esse ponto é muito importante para o questionamento do momento atual da sociedade, momento no qual vários padrões estéticos e sociais são impostos pela mídia e até pelas instituições, colocando na obscuridade os diferentes e gerando vários grupos identificados na sociedade como minorias e como sujeitos excluídos socialmente.

Nota-se que a superação do medo pelo menino cuja origem era uma diferença física foi plenamente ultrapassada e no seu estado final ele é capaz de levar outras pessoas a também mudarem a sua vida. Em outras palavras, a superação de um obstáculo pode servir para que outros também superem os seus e é isso que se percebe na obra, seja qual for a diferença ou o motivo de um possível preconceito que o leitor tenha, são dadas possibilidades para que a situação seja transformada.

Um outro fator importante para ser analisado com bastante cuidado é a composição do livro no que se refere às outras linguagens, conforme já foi citado. Toda a imagem da exclusão ocasionada pela pobreza é também construída de maneira imagética com as ilustrações e os

materiais utilizados para composição das diversas colagens presentes na estrutura gráfica do livro. Além de se perceberem esses materiais reaproveitados de outros objetos e textos dessa forma, pode-se associar essa utilização também como elemento da própria cultura *hip hop*, ou da própria multiplicidade de linguagens que constrói os textos da contemporaneidade.

Temos, em última análise, um texto bastante atual seja pela veiculação de uma temática bastante pertinente para ser discutida na sociedade brasileira de hoje, seja no que se refere às linguagens que o constroem de forma absolutamente compatível com outras expressões artísticas encontradas na sociedade atual e disseminadas para os jovens nas grandes e médias cidades do país e para todos os outros pelos meios extremamente rápidos de comunicação.

3. Leitura: espelhamento da sociedade

Quando se compara o texto literário para crianças com um espelho capaz de refletir o fazer social, nota-se que há necessidade de se buscar um texto que seja adequado ao leitor em questão. Os estudos mostram, na atualidade, que há diversos tipos de destinador, com maior ou menor aptidão no uso de linguagens. Assim, com referência ao leitor da chamada literatura infantil, pode-se classificá-lo da seguinte maneira, conforme Coelho (2000):

a) **pré-leitor**: aquele indivíduo que ainda não tem a competência de decodificar a linguagem verbal escrita, ele inicia o reconhecimento da realidade que o rodeia principalmente pelos contatos afetivos e pelo tato, a imagem tendo predomínio absoluto; nesta primeira fase de construção do leitor, são indicados os livros de imagem, sem texto verbal, para que o indivíduo possa, por meio do reconhecimento de seqüências de cenas, tomar contato com alguns elementos estruturais da narrativa, como o espaço, as personagens e o tempo;

b) **leitor iniciante**: o indivíduo começa a tomar contato com a expressão escrita da linguagem verbal; a curiosidade sobre esse universo cultural e o mundo que se descortina por meio do reconhecimento da palavra escrita ganha algum espaço sobre a imagem, sendo que a última ainda deve predominar; é a fase de socialização e de racionalização da realidade;

c) **leitor em processo**: fase em que a criança já domina o mecanismo da leitura; o conhecimento do mundo é aguçado pela organização do pensamento lógico e a motivação do adulto ainda é bastante importante;

d) **leitor fluente**: é a fase em que se consolida o domínio dos mecanismos do ato da leitura, além de haver mais capacidade de compreensão do universo contido no livro; neste momento, desenvolve-se o pensamento hipotético-dedutivo e atividades de reflexão são importantes para o amadurecimento do leitor;

e) **leitor crítico**: fase de total domínio do processo de leitura, pois o indivíduo já estabelece relações entre micro e macro-universos textuais, além de entender os processos de semioses especiais presentes no texto; fase do desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico.

Observa-se que, conforme a etapa de amadurecimento da criança, bem como a sua inserção no universo escolar e grau de aquisição da linguagem verbal escrita, há um tipo de entendimento-compreensão do texto. Em razão disso, é importante que o adulto responsável pelo oferecimento de um livro para a criança deva estar atento a esses fatores, pois disso depende menor ou maior imersão no universo literário-artístico.

Busca-se, desse modo, a produção de um texto voltado para o público infantil/juvenil que, além de discutir valores em voga na sociedade, também esteja construído de maneira a se fazer ler pelo seu público-alvo e, em última análise, em consonância com o tipo de leitor produzido pelo modelo de alfabetização/letramento vigente nesta sociedade.

Na obra em análise, percebe-se a necessidade de o leitor conhecer determinadas formas de expressão artística não prestigiadas pelo universo dito institucional, entre elas, a escola. Para ler e

mergulhar nesse espelho da sociedade brasileira atual contruído por Gabriel, há necessidade de um leitor plural, um leitor-conhecedor da sua sociedade, um leitor de **artes** veiculadas em outras instâncias e grupos da sociedade.

Desse modo, há que se questionar a leitura e o leitor representados neste livro. Não se trata de um leitor-criança do passado, construído em moldes europeus e direcionado a ler e apreciar apenas determinado tipo de obra já consagrado pela crítica. O livro nos coloca em contato com processos outros de leitura e novas concepções de leitor, ou seja, o leitor é um leitor mais crítico e ciente dos problemas sociais da sua comunidade-país; a leitura não é apenas a leitura da palavra, mas a leitura de múltiplos códigos apresentados no e pelo texto.

Não há, dessa forma, limites para a leitura representada pelo texto, quanto maior a integração do leitor com as formas de expressão e de produção artística e a abertura para conhecê-las, maior será a dimensão da obra que se abre à sua frente, maior será o seu mundo e muíssimo menor a possibilidade de preconceitos em relação ao outro e às **diversidades** de sua sociedade.

4. Considerações finais

Assim, a sociedade segue num processo de **estruturar** e **discutir** quais são os “fazer” adequados às crianças, quais são os textos devem ser lidos por ela, em última análise, a sociedade vai moldando o **universo infantil**, território esse que se constrói através do tempo por textos num fazer histórico e dialógico.

Constata-se, dessa forma, que as crianças continuam entrando em contato com os mesmos discursos que os adultos, como acontecia anteriormente ao surgimento da pedagogia e à criação do universo infantil, só que com a diferença de que hoje há um conhecimento mais amplo das etapas de desenvolvimento da criança e um respeito às competências que cada uma dessas etapas comporta.

Vimos, ainda, a existência de um importante fator de estudo: a aplicação de novas tecnologias que garantem a criação de universos literários cada vez mais sicréticos em termos das linguagens utilizadas e mais motivadores e propícios para o desenvolvimento da imaginação criadora e, conseqüentemente, de indivíduos mais aptos para a vida em sociedade.

Essas novas tecnologias e linguagens constituintes dos textos para crianças e jovens devem promover a formação de leitores mais plurais no que se refere à leitura desses diversos códigos e o desenvolvimento de leitores mais habilitados para o trabalho com diferentes suportes textuais.

Portanto, após essas propostas de possíveis relações dialógicas do texto da literatura infantil/juvenil com a sociedade, conclui-se que hoje não se estuda apenas a estrutura (adequada ou não) das histórias da chamada literatura infantil/juvenil, mas procuram-se esses diálogos com um universo textual mais amplo, a fim de que se conheça de maneira mais aprofundada o homem e a sociedade na qual ele vive e com a qual procura constantemente interagir e constantemente rever seus valores.

Podemos, em última análise, ver o **reflexo da sociedade** nos textos produzidos para crianças. No passado, esse espelho refletia uma imagem um pouco turva da sociedade, em razão da manipulação das instituições sobre o que a criança deveria ou não ler e ver. Hoje, a proposta é levar a criança a conviver e a respeitar as mais diversas situações e condições sócio-econômicas e culturais existentes numa sociedade tão diversa como a brasileira. Além disso, é bastante importante que a criança tome contato com diferentes linguagens e formas de expressão, para que amplie o seu olhar para **outros valores** e manifestações artísticas.

Referências Bibliográficas

- [1] ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

- [2] ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- [3] BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- [4] COELHO, N. N. *A literatura infantil: história, teoria e análise*. SP: Moderna, 2000.
- [5] COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.
- [6] FIQUEIREDO, Eurídice (org.) *Conceitos de Literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- [7] GAZENEUVE, Jean & VICTOROFF, David. *Dicionário de Sociologia*. São Paulo: Verbo, 1982.
- [8] GREGORIN FILHO, José Nicolau. *A roupa infantil da literatura*. Araraquara, SP: 1995. Dissertação apresentada à FCL-UNESP.
- [9] _____ “Literatura infantil brasileira: da colonização à busca da identidade” in Revista Via Atlântica, Universidade de São Paulo, n. 9, p. 185-194.
- [10] MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- [11] PENSADOR, Gabriel. *Um menino Chamado Rorbetto*. São Paulo: Cosac-Naif, 2006

Autor

¹ **José Nicolau Gregorin Filho, Prof. Dr.**
Universidade de São Paulo (USP)
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
jngf@usp.br